TEXTO DIGITAL
Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

A distopia em *Kentukis*: fronteiras da conectividade humana na era digital

Dystopia in Kentukis: frontiers of human connectivity in the digital age

Maria Talita Rabelo Pinheiro[a]; Nerivaldo Alves Araújo[b]

a Universidade do Estado da Bahia – talitarabelo27@gmail.com

b Universidade do Estado da Bahia – neriaraujo@hotmail.com

Resumo: O artigo analisa o livro *Kentukis* (2021) de Samanta Schweblin, explorando a distopia, a interseção entre o real e o virtual, a ética da observação não autorizada e a autenticidade nas relações humanas, usando da análise de textos como *Imagem Imperfeita: Pensamento Utópico para uma Época Antiutópica* (2007) de Jacoby, *Dadosfera* (2021) de Beiguelman, *Intermidialidade* (2012) de Clüver, *Midiatização* (2014) de Hjarvard e *O Estado dos textos* (2019) de Villa-Forte. A estrutura fragmentada do livro, ao empregar uma narrativa envolvente e fragmentada, reflete as sinergias da sociedade em rede, questionando se os relatos distópicos são realmente distópicos ou se refletem o "real" contemporâneo, mergulha nas interações humanas em um mundo cada vez mais digital e interconectado, abordando questões existenciais, éticas e psicológicas que refletem as preocupações contemporâneas sobre a influência da tecnologia nas relações interpessoais. A obra também é vista como uma expressão da intertextualidade entre literatura e tecnologia, abordando a influência da tecnologia nas interações humanas. Schweblin utiliza uma escrita envolvente, influenciada pelo audiovisual, e explora os medos e inseguranças dos personagens, mantendo um alto nível de suspense e ambiguidade. A autora convida os leitores a refletirem sobre as implicações da conectividade humana na era digital, proporcionando uma experiência literária que ressoa além das páginas do livro.

Palavras-chave: Kentukis. Distopia. Fronteiras. Privacidade.

Abstract: The article analyzes the book *Kentukis* (2021) by Samanta Schweblin, exploring dystopia, the intersection between the real and the virtual, the ethics of unauthorized observation and authenticity in human relationships, using the analysis of texts such as *Imperfect Image: Utopian Thought for an Antiutopian Epoch* (2007) by Jacoby, *Dadosfera* (2021) by Beiguelman, *Intermediality* (2012) by Clüver, *Mediatization* (2014) by Hjarvard and *The State of Texts* (2019) by Villa-Forte. The fragmented structure of the book, by employing an engaging and fragmented narrative, reflects the synergies of network society, questioning whether dystopian accounts are really

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

dystopian or whether they reflect the contemporary 'real', delves into human interactions in an increasingly digital world and interconnected, addressing existential, ethical and psychological issues that reflect contemporary concerns about the influence of technology on interpersonal relationships. The work is also seen as an expression of the intertextuality between literature and technology, addressing the influence of technology on human interactions. Schweblin uses engaging writing, influenced by audiovisual, and explores the characters' fears and insecurities, maintaining a high level of suspense and ambiguity. The author invites readers to reflect on the implications of human connectivity in the digital age, providing a literary experience that resonates beyond the pages of the book.

Keywords: Kentukis. Dystopia. Borders. Privacy.

Introdução

A obra *Kentukis* (2021) de Samanta Schweblin se destaca como um fascinante mergulho nas águas escuras e turbulentas das relações humanas em um mundo cada vez mais digital e midiático. Publicado pela primeira vez em 2018, o livro oferece narrativas envolventes que, por meio da intriga tecnológica dos dispositivos kentukis, animais de pelúcia mecanizados que podem ser controlados remotamente por meio de um dispositivo tecnológico, permitindo que as pessoas vivenciem a vida de outra pessoa, muitas vezes em locais distantes. Expõe questões existenciais, éticas e psicológicas que permeiam a sociedade contemporânea nessa conectividade extrema.

Kentukis é um livro com diferentes novelas curtas, contos, relatos, que mais parecem as séries de *streaming*, que analisam as mudanças sociais decorrentes do surgimento de um dispositivo tecnológico. Além disso, não há ligações diretas entre as histórias. Porém, a autora divide os relatos em capítulos, semelhantes em extensão aos contos, e os dispersa ao longo do livro, dando ao leitor a sensação de se movimentar entre os nós de uma rede. É a estrutura e não as histórias que dão a *Kentukis* sua característica de novela; e esta ligação, mais sugerida do que real, reproduz muito bem as sinergias da nossa sociedade em rede, será que esses relatos que se

encaixam como uma distopia são mesmo distópicos, ou estamos vivendo esse "real" que tanto assusta? Porque apesar de ser uma distopia, possui elementos que ecoam aspectos da nossa realidade atual.

São aspectos que serão abordados neste artigo, desse ponto em que não sabemos, em comparação a realidade **se é distopia ou não**, a **vigilância e privacidade**, pois a constante vigilância exercida pelos kentukis sobre a vida cotidiana das pessoas reflete as preocupações crescentes sobre privacidade e vigilância na era digital; a **interação digital X interação humana**, já que o livro explora como a tecnologia pode substituir ou alterar as interações humanas tradicionais.

A comunicação mediada por dispositivos digitais está se tornando cada vez mais comum na sociedade contemporânea, levantando questões sobre a **autenticidade** e **profundidade das relações humanas** em um mundo cada vez mais conectado digitalmente; e a **desconexão social e isolamento**, pois embora os kentukis permitam uma forma de interação digital, eles também podem agravar o isolamento social e a alienação, especialmente quando as pessoas preferem se engajar com as vidas de outras através de uma tela em vez de cultivar relacionamentos significativos em pessoa. Esses aspectos refletem e amplificam preocupações e tendências da nossa realidade atual, oferecendo uma visão distópica do que o futuro poderia se tornar se não considerarmos cuidadosamente as consequências de nossas escolhas tecnológicas e sociais.

Este artigo então tem por objetivo tecer uma análise sobre essas distopias e fronteiras do real no digital que *Kentukis* (2021) de Schweblin tanto faz referência, conectando-se à crescente influência da tecnologia nas interações humanas, criando uma distopia, que ao ser analisada, confunde-se com o real contemporâneo. Isso, na forma como a autora escreve para

alcançar o pretendido e em suas histórias, que passam uma visão intrigante e por vezes perturbadora sobre os limites entre o mundo físico e o virtual. A fronteira entre o real e o virtual torna-se difusa à medida que os personagens interagem com os kentukis. A narrativa questiona a ética por trás do uso desses dispositivos, explorando como a tecnologia pode impactar as relações interpessoais e a percepção da realidade. Schweblin provoca reflexões sobre até que ponto a tecnologia pode nos conectar ou isolar, e como a busca pela conexão virtual pode influenciar a maneira como vivemos nossas vidas reais. Essa fronteira entre o virtual e o real na trama levanta questionamentos sobre onde termina o virtual e começa o real ou vice-versa, desafiando as fronteiras tradicionais entre esses conceitos. Isso reflete as preocupações contemporâneas sobre a fusão cada vez maior entre o mundo online e offline.

Para isso o processo metodológico que se adequou nesse texto foi o qualitativo, que segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, com ênfase nas pesquisas bibliográfica. De acordo com Severino (2007, p. 122), a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do:

> [...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p. 122).

Buscou-se após a leitura do livro *Kentukis*, uma análise de documentos registrados por outros pesquisadores, os quais foram utilizadas técnicas de análise de conteúdo, para melhor embasar as discussões e conclusões.

Distopia nas conexões tecnológicas

Kentukis (2021) de Samanta Schweblin é uma obra distópica que explora o conceito de distopia através da lente da tecnologia e da interconectividade digital. A distopia presente no livro está enraizada na invasão da privacidade e na erosão das fronteiras entre o público e o privado, temas centrais do gênero distópico.

Distopia pode ser descrito como um gênero literário e cinematográfico que apresenta uma sociedade imaginária que é indesejável ou assustadora. A Distopia, segundo Russell Jacoby (2007, p. 31), "pode ser caracterizada por qualquer representação ou descrição, organizacional ou social, cujo valor representa a antítese da utopia ou promove a vivência em uma 'utopia negativa'". Ao contrário da utopia, que representa uma sociedade ideal e perfeita, a distopia apresenta um mundo onde há opressão, injustiça, sofrimento e falta de liberdade. Geralmente, as distopias retratam um futuro sombrio, mas também podem estar ambientadas em um presente alternativo ou em um passado fictício. A expressão distopia, utiliza o prefixo grego “dis” (disfunção e estranheza) começou a ser usada no século XIX, para descrever um lugar impossível não pela perfeição, mas pela absoluta imperfeição. Essa nomenclatura foi usada pela primeira vez em um discurso de John Stuart Mill (Barros, 2011).

As distopias frequentemente exploram temas como controle governamental opressivo, vigilância totalitária, desigualdade social, perda de liberdade individual e destruição ambiental. Essas sociedades distópicas são geralmente retratadas como resultado de ideologias extremas, avanços tecnológicos mal utilizados ou eventos catastróficos que levaram ao colapso social. Segundo Mungioli e Ikeda (2023):

> Desde o século XIX, o gênero das distopias caracteriza-se como matéria para concretização de ideias, medos, aspirações e frustrações em um mundo marcado por grandes conquistas e descobertas, mas também de grandes atos de privação de liberdade, violência e covardia. Em face oposta do que ocorre nas utopias, o futuro distópico é um tempo-espaço em que se conforma o agravamento das questões que inquietam o ambiente sócio-histórico em que é imaginado, produzindo sentido por meio de seus mundos ficcionais. O sucesso constantemente renovado do gênero na literatura ou nos meios audiovisuais sugerem que ele continua funcionando nesse mesmo sentido no presente, em que persistem, como no pós-Segunda Guerra de Huxley, desenvolvimento e criações fantásticas e, ao mesmo tempo, grandes injustiças, desigualdades e regimes que atentam contra a liberdade, a privacidade e o direito à vida (Mungioli; Ikeda, 2023, p. 105-106).

Um aspecto importante das distopias é sua capacidade de refletir e comentar sobre questões sociais, políticas e éticas contemporâneas. Elas muitas vezes servem como uma advertência sobre os perigos de certos caminhos sociais ou políticos que a humanidade pode seguir, destacando os riscos de ignorar questões importantes como justiça, liberdade e sustentabilidade. Ao desafiar as noções de normalidade e questionar o status quo, as distopias convidam os leitores e espectadores a considerar como suas próprias ações e escolhas podem moldar o futuro da sociedade. Assim, essas obras muitas vezes provocam reflexão e discussão sobre o mundo em que vivemos e os possíveis rumos que nossa sociedade pode tomar.

Portanto, *Kentukis* encapsula muitos dos elementos-chave do gênero distópico, ao mesmo tempo em que os adapta para o contexto da era digital e da tecnologia. Ao explorar as consequências perturbadoras da interconectividade tecnológica e da invasão da privacidade, Schweblin nos convida a refletir sobre os perigos de ignorar questões importantes como privacidade, liberdade e ética em um mundo cada vez mais permeado pela tecnologia. Já que a sociedade contemporânea está mergulhada em um

oceano digital, onde as conexões humanas são tecidas através de dispositivos eletrônicos e plataformas online.

Nesse romance, Schweblin mergulha nas profundezas dessa era tecnológica, expondo os perigos e dilemas que surgem quando a fronteira entre o mundo físico e o virtual se torna indistinta. Através da lente da ficção distópica, a autora oferece uma análise penetrante sobre os efeitos desumanizadores da tecnologia e a erosão da privacidade, explorando temas como voyeurismo, controle e alienação.

Os kentukis, dispositivos eletrônicos em forma de animais de pelúcia fofos, representam uma tecnologia aparentemente inofensiva à primeira vista, mas que, na verdade, serve como ferramenta de vigilância e controle. Esses dispositivos permitem que usuários remotos espiem a vida de outras pessoas ao redor do mundo, criando uma atmosfera de vigilância constante e paranoica. Essa intrusão na esfera privada dos indivíduos reflete os elementos de controle governamental opressivo e vigilância totalitária frequentemente encontrados em distopias clássicas. O cerne dessa distopia delineada por Schweblin reside nos kentukis, esses bichinhos equipados com câmeras e conexão à internet, que permitem que usuários remotos se conectem e espiem a vida de outras pessoas ao redor do mundo. Essa invasão rompe com a noção de intimidade e se dissipa diante da onipresença das câmeras.

Além disso, a desconexão emocional e a alienação que permeiam as relações humanas no universo dos kentukis ecoam as preocupações sobre a perda de liberdade individual e a desumanização da sociedade, características comuns das distopias. A busca incessante por validação e conexão virtual, às custas da intimidade e autenticidade, reflete a desigualdade social e a supressão da individualidade presentes em muitas sociedades distópicas. À medida que as pessoas se tornam cada vez mais dependentes da tecnologia para mediar

suas interações sociais, a profundidade e a autenticidade dos relacionamentos humanos são erodidas. Schweblin retrata um mundo onde a solidão e o isolamento são exacerbados pela ilusão de conexão proporcionada pelas telas digitais, criando uma sociedade onde a verdadeira intimidade se torna uma relíquia do passado.

Ao longo do romance, Schweblin apresenta uma variedade de personagens e situações que ilustram as diferentes facetas dessa distopia tecnológica. Desde aqueles que se submetem voluntariamente à vigilância dos kentukis em busca de conexão e validação até aqueles que são vitimados pela invasão de sua privacidade, a autora tece uma teia complexa de relações humanas distorcidas pela presença onipresente da tecnologia.

Uma das questões centrais que Schweblin aborda, como já citado, é o voyeurismo e a perda de fronteiras entre o público e o privado. Os usuários dos kentukis são atraídos pela promessa de espiar a vida alheia sem serem detectados, desfrutando de uma sensação de poder e controle sobre os outros. No entanto, essa busca por intimidade virtual apenas serve para aprofundar a já mencionada alienação e a desconexão emocional entre as pessoas, criando uma sociedade onde a empatia e a compaixão são substituídas pela exploração voyeurística.

Schweblin também examina o papel das tecnologias de vigilância na perpetuação do controle e da dominação. Os kentukis não são apenas ferramentas de voyeurismo, mas também dispositivos de monitoramento e manipulação, permitindo que aqueles que os controlam exerçam poder sobre os indivíduos observados. Essa dinâmica de poder desequilibrada cria um ambiente de opressão e subjugação, onde a liberdade individual é sacrificada em prol da conveniência tecnológica.

Kentukis é uma obra que lança um olhar sombrio sobre o futuro da sociedade digital, alertando para os perigos de uma cultura obcecada pela vigilância e pela tecnologia. Ao explorar temas como voyeurismo, controle e alienação, Samanta Schweblin nos convida a refletir sobre os limites éticos e morais do avanço tecnológico e a questionar as consequências de uma sociedade onde a privacidade se torna uma mercadoria negociável. Em um mundo cada vez mais conectado, *Kentukis* serve como um lembrete oportuno dos riscos de sacrificarmos nossa humanidade no altar da conveniência tecnológica. A distopia dos kentukis em *Kentukis* de Schweblin vai muito além de simplesmente introduzir dispositivos tecnológicos invasivos. Ela ecoa e amplifica preocupações profundas sobre vigilância, privacidade e controle que permeiam nossa própria sociedade contemporânea.

A noção de vigilância constante e paranoia induzida pelos kentukis ressoa com os dilemas enfrentados em muitos sistemas de vigilância modernos. Em governos autoritários, por exemplo, câmeras de segurança e monitoramento eletrônico são frequentemente usados não apenas para garantir a segurança pública, mas também para exercer controle sobre os cidadãos e suprimir dissidência. A crescente ubiquidade da vigilância eletrônica em espaços públicos e privados levanta questões sobre quem detém o poder de observação e como esse poder é usado, ecoando os temas de controle e dominação presentes na distopia dos kentukis.

Ademais, a invasão na esfera privada dos indivíduos através dos kentukis também ecoa questões contemporâneas sobre privacidade digital. Em um mundo onde dados pessoais são frequentemente coletados, armazenados e monetizados por empresas de tecnologia, a noção de intimidade e autonomia sobre nossas próprias vidas se torna cada vez mais tênue. A revelação de escândalos de violação de privacidade, como o caso Cambridge Analytica, exposto pelo documentário Privacidade Hackeada de 2019, lançado pela

Netflix, destaca os perigos de confiar demais em plataformas digitais que podem facilmente ser exploradas para fins nefastos.

> Ocorre que, muitas vezes, os cidadãos e especialmente os usuários das novas ferramentas tecnológicas como a internet, têm sua privacidade e intimidade violadas por pessoas físicas ou jurídicas que buscam obter suas informações a todo o custo. Além disso, uma vez armazenada a informação, ela é repassada a terceiros sem o consentimento – ou, pior, sem o conhecimento – dos titulares dos dados. Configura-se, daí uma verdadeira violação ao direito à privacidade dos indivíduos, que ficam à mercê de quem detém o conhecimento técnico, sem poder ter controle das informações sobre si mesmo, as quais são bens privados de cada um e merecem a devida proteção e respeito. Porém, no que diz respeito ao titular desses dados, muitas vezes a apropriação de tais informações por terceiros gera constrangimento e/ou revolta, por se tratar de dados privados (Mendonça, 2016).

Além disso, a perda da privacidade e a sensação de estarmos constantemente sob escrutínio também se conectam a questões mais amplas sobre identidade e autoexpressão. Nas redes sociais, por exemplo, muitas pessoas vivem sob a pressão de manter uma imagem idealizada de si mesmas, alimentando a sensação de que estão sendo observadas e julgadas a todo momento. Essa busca incessante por validação e aceitação virtual pode levar à supressão da individualidade e à conformidade com normas impostas externamente, ecoando os temas de alienação e desconexão presentes na distopia dos kentukis.

Portanto, ao explorar os kentukis como dispositivos que invadem a privacidade e criam uma atmosfera de vigilância constante, Samanta Schweblin não apenas nos oferece uma visão distópica do futuro, mas também nos convida a refletir sobre os desafios éticos e sociais que enfrentamos no presente. Ao confrontar essas questões através da ficção, Schweblin nos lembra da importância de preservar nossa humanidade e nossa autonomia em um mundo cada vez mais permeado pela tecnologia.

As fronteiras da conectividade x privacidade

Ao falar dessas fronteiras, os textos "Dadosfera" (2021) de Giselle Beiguelman e "Intermidialidade" (2007) de Claus Clüver discorrem sobre como a era digital trouxe consigo uma dicotomia fascinante entre o real e o virtual, explorada de maneira excelente na obra *Kentukis* de Schweblin. Ao inserir os kentukis na narrativa, a autora não apenas oferece uma trama envolvente, mas também abre uma porta para uma reflexão profunda sobre a dadosfera, a ética na coleta de dados e as complexidades das conexões humanas em um mundo cada vez mais digital. Com o termo intermidialidade, destaca-se o processo de cruzamento de fronteiras entre as mídias, os tipos de inter-relação e interação entre as mídias, e nos mostra que para entendermos esse processo de discussão é importante assimilarmos a "reconcepção" das artes como mídias, assim como o conceito de transposição midiática.

> "Intermidialidade" é um termo relativamente recente para um fenômeno que pode ser encontrado em todas as culturas e épocas, tanto na vida cotidiana como em todas as atividades culturais que chamamos de "arte". Como conceito, "intermidialidade" implica todos os tipos de interrelação e interação entre mídias; uma metáfora frequentemente aplicada a esses processos fala de "cruzar as fronteiras" que separam as mídias (Clüver, 2007, p. 2).

Os kentukis, pequenos observadores mecânicos, funcionam como portais que transcendem a barreira entre o mundo físico e a dadosfera. Assim como esses dispositivos na trama do livro conectam observadores a vidas distantes, a dadosfera tece uma rede onde dados pessoais são coletados e interpretados. A convergência dessas realidades paralelas destaca a sobreposição entre o cotidiano e a esfera digital. A obra apresenta uma análise perspicaz da desumanização inerente à observação virtual. À medida que personagens observam e são observados por meio dos kentukis, a essência humana é filtrada por uma lente digital. Esse

fenômeno reflete as experiências contemporâneas na dadosfera, onde a privacidade muitas vezes é sacrificada em prol da conectividade, resultando em uma desumanização gradual das interações interpessoais.

A trama não apenas desvela dilemas éticos, mas serve como um espelho para as questões éticas mais amplas na era da dadosfera. Quem controla os kentukis e quem é observado desencadeia uma dança delicada de ética na coleta de dados, como Grigor, "contrabandista" de kentukis, sua função é justamente a venda dos dados coletados para os clientes que desejam características específicas em seus dispositivos para observação. A interseção entre a narrativa do livro e a realidade da dadosfera destaca a necessidade urgente de explorar responsabilidades, transparência e os limites éticos que devem ser estabelecidos na sociedade digital. A fronteira tênue entre o real e o virtual, uma constante na trama de *Kentukis*, reflete a fluidez da existência contemporânea. A dadosfera, com sua constante coleta de dados, desafia as definições tradicionais da realidade. Ambos os contextos provocam uma reflexão sobre como a tecnologia redefine nossa compreensão do que é tangível e como ela, por sua vez, molda nossas percepções do eu e dos outros.

Kentukis não é apenas um relato sobre dispositivos mecânicos e observação remota; é uma jornada complexa pelos corredores da dadosfera, onde a fronteira entre o real e o virtual é deliciosamente desafiada. A narrativa de Schweblin oferece uma oportunidade única de mergulhar em questões prementes, desde a desumanização até as complexidades éticas, proporcionando um espelho através do qual podemos contemplar as interconexões profundas entre o mundo material e o digital. À medida que seguimos explorando essas fronteiras sutis, *Kentukis* permanece não apenas como uma obra literária notável, mas como um guia perspicaz em nossa jornada pela complexa teia entre o real e o virtual na era da dadosfera.

Quando entramos no conceito de Intermidialidade, trazido por Claus Clüver, a obra de Schweblin consegue nos levar a pensar sobre essas relações de diálogo entre as diversas artes, quando traz para a escrita literária conflitos humanos relacionados às vivências pessoais através desse conflito/relações com as mídias, conflito/relações com essas histórias que não são distantes do real, e isso encontramos na escrita de Samanta, pois lida com a relação entre a literatura e a tecnologia digital. Muitas das histórias giram em torno de pequenos dispositivos de vídeo que as pessoas usam para espionar a vida de outras pessoas. Isso se relaciona diretamente com a intermidialidade, pois envolve a incorporação da mídia digital e da literatura.

Além da "Reflexão sobre a Sociedade Digital", Clüver pode fornecer uma estrutura teórica para analisar como a obra de Schweblin se encaixa no contexto mais amplo da intermidialidade e como a literatura contemporânea lida com questões relacionadas à tecnologia e à comunicação digital. Para além do narrativo, a intermidialidade muitas vezes permite que uma narrativa se expanda por mais de uma única mídia, já que na obra a história transcende o romance e cria uma discussão sobre privacidade, vigilância e voyeurismo que pode ser explorada em várias mídias, incluindo filmes, séries de TV e outras formas de arte. Podemos perceber essas interações com as personagens Alina e Emilia, que recebem um papel de grande destaque na obra.

A intermidialidade em *Kentukis* pode ser percebida devido a fragmentação da realidade, a multiplicidade de perspectivas e a intertextualidade. Já que a literatura contemporânea muitas vezes incorpora elementos da cultura midiatizada, refletindo a influência da mídia na sociedade. Questões como a disseminação rápida de informações, a natureza efêmera da cultura e a interconexão global são temas que podem ser explorados na literatura, e isso encontramos em *Kentukis*.

A autora argentina Samanta Schweblin é conhecida justamente pela habilidade em tecer narrativas envolventes e provocativas, com uma visão penetrante sobre a sociedade contemporânea. Esse formato de escrita nos remete à Leonardo Villa-Forte em "O Estado dos Textos" no livro *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*, cuja abordagem explora a transformação da literatura e da escrita na era digital, destacando o fenômeno da apropriação de conteúdo e a redefinição da autoria no século XXI. Analisando a mudança na natureza da escrita e da criação literária no contexto da cultura digital, o estudioso argumenta que a facilidade de acesso à informação a disseminação de conteúdo, e o esgotamento por esses acessos à internet alteraram fundamentalmente a maneira como os escritores abordam a criação de textos.

Podemos visualizar essa não tão nova forma do criar literário na obra de Schweblin, ao observar a forma como ela escreve, em sua economia de palavras, pois a autora, em suas obras, é conhecida por sua capacidade de contar uma história envolvente com um número mínimo de palavras. E em *Kentukis*, ela escolhe cuidadosamente cada palavra e evita o excesso de descrições, permitindo que os leitores preencham os espaços em branco com sua própria imaginação. Essa obra especificamente traz uma sensação como se estivéssemos assistindo uma obra de streaming, capítulos rápidos e envolventes, efeito que é uma influência do audiovisual na escrita. Usa pontos de vista alternados e fragmentados para contar a história de diferentes personagens envolvidos nos eventos dos kentukis, a única coisa que conecta esses personagens são esses animaizinhos.

Essa técnica dá aos leitores uma visão multifacetada da narrativa, à medida que diferentes perspectivas se entrelaçam, criando uma atmosfera de tensão psicológica. Ela explora os medos e inseguranças de seus personagens, muitas vezes revelando apenas o suficiente para manter os leitores ansiosos e curiosos. A autora mantém um alto nível

de suspense e ambiguidade ao longo do livro. Ela não fornece respostas fáceis, incentivando os leitores a questionar o que estão lendo e a interpretar os eventos de maneiras diferentes, isso faz com que o leitor interaja e reaja a sua escrita.

Essa forma envolvente de Samanta em sua escrita também é algo que reflete essas novas relações entre "Autor e Narrador" e entre "Autor e Público", pois na literatura contemporânea, as fronteiras entre autor e narrador ficaram mais fluidas, devido a influência intermidiática. Autores frequentemente experimentam com vozes narrativas diversas, perspectivas múltiplas, desafiando as convenções tradicionais e oferecendo uma experiência mais rica e variada aos leitores. E através de mídias sociais e outras plataformas digitais, os autores contemporâneos têm a oportunidade de se conectar mais diretamente com seu público. Essa relação pode ser mais imediata e interativa, influenciando a forma como as obras são recebidas e interpretadas pelos leitores.

O enredo do livro *Kentukis* se desenvolve em torno dos kentukis, dispositivos que permitem a observação remota da vida de outras pessoas através de uma perspectiva virtual. Essa premissa, aparentemente inofensiva, serve como o ponto de partida para uma exploração mais profunda sobre privacidade, pois os bichos de pelúcia (dragão, coelho, corvo, toupeira, isso depende do gosto do consumidor) permitem que as pessoas se conectem a outros corpos humanos em diferentes partes do mundo. Essa característica tecnológica serve como uma ponte entre o real e o fictício, permitindo que personagens e leitores explorem diferentes perspectivas e vidas de maneiras antes inimagináveis, traz essa sensação de onipresença para quem controla o kentuki.

A narrativa não linear, contribui para a construção da atmosfera misteriosa e reflexiva do livro. Cada capítulo é uma peça de um quebra-

cabeça mais amplo, fornecendo diferentes perspectivas sobre a interconexão humana e seus desafios na era digital. A autora habilmente desenha personagens complexos, com destaque para algumas que chamam bastante atenção como Alina, cuja vulnerabilidade e coragem ao permitir que outros adentrem sua vida através do seu Kentuki corvo (Coronel Sanders) adicionam camadas significativas à trama, e Emilia, que embarca nessa jornada de exploração virtual, ela é uma ama, controla o kentuki, e é através de suas experiências que o leitor é conduzido por um labirinto de reflexões sobre privacidade, conexão humana e os limites morais da tecnologia.

É necessário falar sobre algumas características da personagem Alina para entender sobre alguns pontos elaborados pela fronteira do real e virtual, pois esta traz alguns pontos bem complexos quando nos deparamos com esses conflitos. Ela desempenha um papel crucial na exploração das complexidades emocionais e éticas envolvidas na interação virtual proporcionada pelos dispositivos kentukis. Samanta deu a ela uma importância chave em sua obra. Ao acompanhar a história dessa personagem pontos como vulnerabilidade ao expor sua intimidade, isolamento e conexão, reflexões éticas e morais, as máscaras sociais e até o impacto na saúde mental são destacados.

Alina representa a face da vulnerabilidade quando se trata de compartilhar sua vida através do Kentuki. Ao permitir que outras pessoas entrem em sua privacidade de maneira tão direta, através de um dispositivo. Ela se torna um ponto chave para a reflexão sobre os limites da intimidade virtual, talvez até a personagem de mais destaque da obra. Samanta utiliza a experiência de Alina para questionar até que ponto as pessoas estão dispostas a se expor e compartilhar suas vidas com estranhos. A relação de Alina com seu Kentuki/Coronel Sanders também destaca os temas do isolamento e da busca por conexão, pois apesar da capacidade de se conectar com outros

através da tecnologia, Alina pode se sentir isolada em sua vida. Isso reflete a ironia contemporânea de como a tecnologia, que supostamente nos conecta, pode, ao mesmo tempo, nos distanciar das relações pessoais e autênticas.

A história de Alina também joga luz sobre o impacto na saúde mental associado à exposição constante e à pressão emocional de permitir que outros observem aspectos íntimos de sua vida. Sua experiência destaca como a interconectividade virtual pode ter consequências psicológicas profundas, levantando questões sobre os efeitos negativos na saúde mental e emocional dos indivíduos, a personagem mostra ao decorrer de sua trama um descontrole emocional por conta desse conflito intimidade e invasão. Alguns comportamentos sobre a relação entre Alina com o seu Kentuki levantam questões éticas e morais, o desenrolar da trama em questão oferece espaço para reflexões sobre a ética da observação não solicitada e as fronteiras tênues entre a curiosidade humana e a invasão de privacidade. Ao permitir que outros vejam sua vida através do Kentuki, Alina destaca como as pessoas muitas vezes usam das máscaras sociais e revelam apenas partes selecionadas de si mesmas. Essa dinâmica destaca a dualidade entre a autenticidade e a apresentação de uma versão idealizada de suas vidas.

A obra de Schweblin aborda justamente esse desconcertante paradoxo da tecnologia, que, embora promova a conexão global, muitas vezes resulta em solidão e isolamento. A busca incessante por experiências virtuais deixa cicatrizes emocionais nos personagens, ressaltando como a interação digital pode ser uma faca de dois gumes, tanto conectando quanto alienando.

> Não se trata da tecnologia sendo ameaça existencial. É a capacidade da tecnologia de despertar o pior da sociedade. E o pior da sociedade ser a ameaça existencial. Se a tecnologia cria causa em massa, revolta incivilidade falta de confiança uns nos outros, solidão, alienação, mais fraude eleitoral, mais populismo, mais distração e incapacidade de focar nos verdadeiros problemas, isso é a sociedade e agora a sociedade é incapaz de se reestabelecer e recai num tipo de caos (O Dilema das Redes, 2020).

As pessoas são bombardeadas por comportamentos e comerciais que, muitas vezes, estimulam o consumismo ou mesmo a busca por conteúdos considerados inapropriados para a faixa etária, será que os kentukis seria recomendável para todas as faixas de forma indiscriminada, será que todos aqueles que tiveram contato com eles como amo ou kentuki estavam preparados para as consequências.

Outra protagonista de destaque é Emilia, que personifica a curiosidade intrínseca à natureza humana. Seu comportamento ao escolher explorar a vida de Eva através do Kentuki é um testemunho da busca incessante por conexão e significado. No entanto, sua jornada também revela as armadilhas éticas e emocionais dessa curiosidade desenfreada. O dilema moral que ela enfrenta ao invadir a privacidade alheia ecoa as complexidades inerentes à busca por conexões em um mundo digital. Emilia ao se sentir "próxima" de sua ama Eva, vê-se no direito de tentar invadir a privacidade da garota e entra numa busca, na tentativa de conseguir entrar em contato, ela quer interferir de "boa-fé" na vida de Eva.

Um dos temas centrais do livro é justamente a questão da privacidade, outro ponto em que o real e o virtual se entrelaçam. Schweblin faz uma incursão sutil, mas poderosa, no dilema ético da observação não autorizada. Ao revelar as vidas íntimas de personagens, a autora questiona não apenas a ética daqueles que observam, mas também a disposição de alguns em se submeterem a uma exposição tão íntima. Através dos dispositivos kentukis, a autora conduz os leitores por um universo onde as fronteiras entre o real e o virtual se dissolvem. A tecnologia dos kentukis permite uma invasão direta na esfera mais íntima das pessoas. Ao controlar remotamente esses dispositivos, os usuários podem entrar em casas alheias, observar a vida cotidiana e, de certa forma, invadir a privacidade alheia. Isso levanta questões sobre os limites éticos dessa invasão e como as fronteiras pessoais são desafiadas pela tecnologia.

Esse conflito entre o público e o privado é visto em Stig Hjarvard (2014), em seu texto "Midiatização: conceituando a mudança social e cultural", no qual aborda o fenômeno da midiatização como uma transformação fundamental na sociedade contemporânea. Um dos pontos-chave é que a midiatização não se limita aos meios de comunicação tradicionais ao englobar as plataformas digitais e as redes sociais, tornando-se uma presença onipresente em nossas vidas cotidianas, cada vez mais entrelaçados com todos os aspectos da vida social e cultural. A mídia não apenas reflete a sociedade, mas também desempenha um papel ativo na sua formação, moldando a forma como as pessoas percebem o mundo, constroem suas identidades e interagem socialmente.

> Os usos de diversos meios de comunicação têm sido simultaneamente integrados às práticas de outros domínios institucionais. Com a ascensão das mídias interativas e digitais, esse processo se intensificou, tornando as comunicações mediadas indispensáveis a quase todos os domínios institucionais, como a política, a educação, o trabalho etc. Ao mesmo tempo em que os meios de comunicação adquiriram impulso como uma instituição em si mesma, a mídia se tornou onipresente em quase todas as esferas da sociedade. As mídias são usadas para uma pluralidade de finalidades, incluindo possibilitar a distanciação do espaço-tempo da modernidade e para aliviar os atores sociais das muitas tarefas de coordenação que resultam da convivência em instituições estendidas pelo tempo e espaço. O telefone móvel, por exemplo, parece suportar uma ampla "microcoordenação" do trabalho e da vida familiar (Ling, 2004 *apud* Hjarvard, 2014, p.30).

Hjarvard (2014) argumenta que a midiatização desafia as fronteiras entre o público e o privado. A exposição constante à mídia pode tornar aspectos de nossas vidas pessoais públicos, enquanto a esfera pública é cada vez mais influenciada pela lógica da mídia. Isso tem implicações profundas na nossa compreensão de privacidade e na maneira como nos relacionamos com a esfera pública. Explorando a midiatização como um fenômeno que transcende a mera influência da mídia na sociedade. Ele argumenta que a

midiatização é uma transformação profunda que afeta a forma como percebemos o mundo, construímos identidades, interagimos socialmente e participamos da vida pública. Esse conceito é fundamental para a compreensão das mudanças sociais e culturais na era contemporânea, onde a mídia desempenha um papel central em nossas vidas.

Em *Kentukis* percebemos como essa midiatização afeta todas as esferas da agência humana e a construção de relações sociais, fornecendo categorias de produção de sentido para interpretar o mundo. Outro aspecto notável é a exploração da autenticidade nas relações humanas. O contraste entre as máscaras sociais, como já mencionado quando se falou de Alina, que as pessoas usam no mundo real e as revelações inesperadas através dos Kentukis destaca a complexidade de ser verdadeiro em um ambiente cada vez mais moldado por representações idealizadas de si mesmo, isso percebemos em alguns dos personagens, como, o pai divorciado que vive em conflito com sua ex-mulher sobre a guarda de seu filho e um possível caso de pedofilia atribuído ao kentuki, ou mesmo Marvin um adolescente que perdeu a mãe e seu pai não era muito presente em seu dia a dia, que começa a ter uma crise de identidade ao se sentir o próprio boneco.

Essa intermidialidade dentro da literatura traz a capacidade de dialogar com outras formas de expressão cultural, como já destacaram Clüver e Hjarvard, o livro entrelaça a literatura com a tecnologia, e como isso pode penetrar nas esferas mais íntimas da vida das pessoas, é um exemplo notável dessa intermidialidade, uma vez que a obra gira em torno da interação virtual entre pessoas através de dispositivos eletrônicos. Os kentukis representam uma forma de interconexão virtual, questionando os limites entre o mundo real e o mundo virtual. Isso demonstra a influência direta da cultura digital na narrativa do romance de Schweblin, de como a literatura contemporânea transcende as fronteiras

convencionais e abraça elementos da cultura digital. Villa-Forte reconhece a importância da intertextualidade na literatura, envolve-se em um diálogo constante com outras formas de expressão cultural. "Estado do Texto" considera como um texto literário é afetado por outras áreas do conhecimento, como a história, a sociologia e a política.

Kentukis surpreende, pois, o ponto em questão que o livro traz é que o motivo real de observar e ser observado, o porquê de romper essas fronteiras, o desejo das pessoas em observar o mundo através dos olhos de um pequeno dispositivo mecânico, isso penetra no dia a dia de todo tipo de gente e de todo lugar, e nesse sentido Schweblin perpassa na vida contemporânea mediada pela tecnologia, através do debate sobre privacidade. Em tempos em que ser famoso por qualquer motivo e preço, ser visto e ver a todo momento, criar intimidades com pessoas distantes são ações que ganham novos sentidos em uma realidade com bichos de estimação com câmeras em seus olhos.

Considerações finais

A escrita de Schweblin é uma maestria que desafia as convenções narrativas. Sua prosa meticulosa dá vida aos dilemas modernos, enquanto sua habilidade em criar atmosferas intensas e reflexivas cativa o leitor do início ao fim. *Kentukis* é mais do que uma ficção tecnológica, transcende o gênero. Samanta Schweblin, autora vencedora de prêmios como Juan Rulfo e Casa de las Américas, com sua narrativa perspicaz e personagens meticulosamente desenvolvidos, convida os leitores a refletirem sobre as implicações profundas da conectividade humana na era digital, proporcionando uma experiência literária que ressoa muito além das páginas do livro.

Com base nas análises apresentadas no texto sobre o livro *Kentukis*, é evidente que a obra de Samanta Schweblin oferece uma reflexão profunda sobre as complexidades das relações humanas na era digital, sobre os impactos da tecnologia em nossas vidas e relações. Através da interseção entre o real e o virtual, a autora aborda questões éticas, psicológicas e existenciais, desafiando os leitores a repensar a forma como a tecnologia impacta a privacidade, a autenticidade e a interconexão global. A obra ainda provoca reflexões sobre a ética da observação não autorizada, a busca pela autenticidade nas relações humanas e a influência da tecnologia na percepção da realidade. Dessa forma, *Kentukis* não apenas oferece uma leitura envolvente, mas também desafia os leitores a repensar as fronteiras entre o real e o virtual, a ética da observação e a natureza efêmera da cultura na era digital. A obra de Schweblin se destaca como uma poderosa reflexão sobre as interações humanas na sociedade contemporânea, convidando os leitores a questionar e interpretar os eventos de maneiras diversas, em um diálogo profundo com as complexidades da era digital.

A habilidade da autora em criar personagens multifacetados como Alina e Emilia, que representam diferentes facetas da interação humana mediada pela tecnologia, enriquece a trama e estimula o leitor a refletir sobre a privacidade, a conexão interpessoal e os limites morais da era digital. A escrita envolvente e fragmentada de Schweblin, que permite ao leitor preencher lacunas com sua própria imaginação, reflete a influência intermidiática e a redefinição da autoria no século XXI.

Ao explorar as relações entre autor, narrador e público, Schweblin demonstra como a literatura contemporânea transcende as fronteiras convencionais e abraça elementos da cultura digital. A fusão entre o mundo online e offline, representada pelos kentukis, provoca reflexões sobre o impacto da tecnologia nas relações humanas e na percepção da

realidade. A atmosfera misteriosa e reflexiva do livro convida o leitor a questionar até que ponto a tecnologia pode nos conectar ou isolar, e como a busca pela conexão virtual influencia nossas vidas reais.

Kentukis é mais do que uma obra de ficção; é um espelho distorcido de nossa sociedade contemporânea, refletindo preocupações e tendências atuais. Schweblin nos alerta para as consequências de nossas escolhas tecnológicas e sociais, convidando-nos a repensar a forma como nos relacionamos com a tecnologia e uns com os outros. A fronteira entre o real e o virtual, tão habilmente explorada na trama, nos desafia a repensar nossas próprias fronteiras e a encontrar um equilíbrio entre a conectividade digital e a humanidade essencial.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. A Cidade-Cinema expressionista: uma análise das distopias urbanas produzidas pelo Cinema nas sete primeiras décadas do século XX. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 161-177, jan./jun. 2011. Disponível em: https://brapci.inf.br/#/v/88290. Acesso em: 20 abr. 2024.

BEIGUELMAN, Giselle. Dadosfera. In:_____. *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu, 2021. p. 49- 77.

CLÜVER, Claus. Intermidialidade (2007). *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, v.1, n.2, nov.2011 - abr. 2012. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15413/12270. Acesso em: 17 out. 2023.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

HJARVARD, Stij. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. *Matrizes*, São Paulo, v.8, n.1, p. 21-44, jan./jun. 2014. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82929/85963. Acesso em: 10 nov. 2023.

JACOBY, Russell. *Imagem Imperfeita: Pensamento Utópico para uma Época Antiutópica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MENDONÇA, Fernanda Graebin. Proteção de Dados Pessoais na Internet: Análises Comparativas da Situação do Direito à Autodeterminação Informativa no Brasil e Em Países Latino-Americanos. *Revista Jurídica da Faculdade de Direito de Santa Maria-FADISMA*, v. 11, n. 1, p. 283-311, 2016.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; IKEDA, Flavia Suzue de Mesquita. Séries brasileiras na Netflix: O cronotopo da distopia em Onisciente. *Interin*, São Paulo, v. 28, n. 2, jul./dez. 2023. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/13943045-9b60-4261-8fb4-ae870699b51d/003158389.pdf. Acesso em: 20 abr. 2024.

O DILEMA DAS REDES. Direção: Jeff Orlowski. Distribuidora: Netflix, 2020.

PRIVACIDADE HACKEADA. Direção: Karim Amer e Jehane Noujaim. Europa: Netflix, 2019.

SCHWEBLIN, Samanta. *Kentukis*. Trad. Livia Deorsola. São Paulo: Fósforo, 2021.

VILLA-FORTE, Leonardo. O Estado dos textos [p. 40-81]. In: _____. *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019. p. 40–81.

NOTAS DE AUTORIA

Maria Talita Rabelo Pinheiro (talitarabelo27@gmail.com): professora EBTT do Instituto Federal Baiano (IF Baiano) campus Senhor do Bonfim, atuando com disciplinas de Linguagens, Língua Estrangeira (espanhol), Metodologia da Pesquisa e correlatas. Doutoranda e Mestre em Estudo de Linguagens/Literatura pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB- campus Salvador) através do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - PPGEL, na linha de pesquisa Leitura, Literatura e Cultura, do Departamento de Ciências Humanas. Especialista em Tecnologias Digitais na Educação pela Faculdade Sete de Setembro (FA7). Graduada em Licenciatura plena pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) em Português/Espanhol (2009), com cursos na Casa de Cultura Hispânica pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Núcleo de Línguas (espanhol) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e português pelo IMPARH. Leciona desde 2007, passando por escolas públicas e privadas. Com interesse em pesquisas voltadas às Leituras, Linguagens com ênfase em língua estrangeira moderna, Literaturas brasileira e hispano-americana, Identidades, Culturas e Gêneros.

Nerivaldo Alves Araújo (neriaraujo@hotmail.com): doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/2015), com tese intitulada "Na cadência das águas do Velho Chico: poética oral do samba de roda ribeirinho", com doutorado sanduíche na Universidade de Vigo, na Espanha (financiamento CAPES). Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb/2010). Especialista em Planejamento e Práticas de Ensino (Faculdades Montenegro/2000), também em Planejamento e Gestão de Sistemas de Educação a Distância (Uneb/2005). Graduado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/1998). Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia - DCH - Campus I - Uneb, onde também integra o quadro de docentes permanentes do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/Uneb, DCH I), exercendo, atualmente, a função de Coordenador de Colegiado do respectivo Programa. Membro filiado ao GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Pesquisador dos Grupos de Pesquisa "Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular" - PEPLP - UFBA; "Estudos de produção e recepção em culturas e linguagens" - PPGEL - Uneb e Letras Hispânicas em Foco - LEHISP - DCH I/UNEB. Desenvolve estudos, pesquisas e orientações na área de literatura, cultura popular e afrodescendente, buscando enfatizar nos mais diversos gêneros do texto literário (incluindo as narrativas e poesia oral) as representações das identidades culturais, os aspectos sócio-históricos e a pluralidade das culturas retratadas por meio dessa diversidade de textos literários, tanto em língua portuguesa como em língua espanhola. Coordena o Projeto de Pesquisa Alinhavos de identidades culturais: representações socioculturais e identitárias em literaturas de Língua Portuguesa e Espanhola. É organizador das coletâneas *Vozes, performances e arquivos de saberes* (EDUNEB, 2018); *As vozes do texto e as múltiplas perspectivas de leitura* (EDUFBA, 2018) e *Literatura e interfaces: entre o ético, o estético e o político* (EDUFBA, 2020). Autor do livro *Poética oral do samba de roda das margens do Velho Chico* (EDUFBA/2016).

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

PINHEIRO, Maria Talita Rabelo; ARAÚJO, Nerivaldo Alves. A distopia em Kentukis: fronteiras da conectividade humana na era digital. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 244-269, 2024.

Contribuição de autoria
Não se aplica.

Financiamento
Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem
Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa
Não se aplica.

Licença de uso
Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico
Recebido em: 22 abr. 2024
Aprovado em: 14 mai. 2024